

LEANDRO GOMES DE BARROS

A SOGRA ENGANANDO O DIABO



Editora Queima-Bucha, Outubro de 2007 - Edição Especial



LITERATURA DE CORDEL
LEANDRO GOMES DE BARROS



A SOGRA

ENGANANDO O DIABO e

A ALMA DE UMA SOGRA

Dizem, não sei se é ditado
Que ao diabo ninguém logra;
Porém vou contar o caso
Que se deu com minha sogra.
As testemunhas são: eu,
Meu sogro, que já morreu
E a velha que é falecida.
Esse caso foi passado
Na rua do Pé Quebrado
Da vila Corpo Sem Vida.

Chamava-se Quebra Quengo
A mãe de minha mulher,
Que se chamava Aluada
Da Silva Quebra Colher,
Filha de Zé Cabeludo,
Irmã de Victor Cascudo
E de Marcelino Brabo,
Pai de Corisco Estupor;
Me ouça agora o senhor
Que fez a velha ao diabo.

Minha sogra era uma velha
Bem carola e rezadeira,
Tinha o seu quengo lixado,
Era audaz e feiticeira;
Para ela tudo era tolo
Porque ela dava bolo
No tipo mais estradeiro.
Era assim o seu serviço:
Ela virava o feitiço
Por cima do feiticeiro!

Disse o demo: - Quebra Quengo,
Qual é a tua virtude?
Dizem que és azucrinada
E que a ti ninguém ilude?
Disse a velha: - Inda mais esta!
Você parece que é besta!
Que tem você com o que faço?
Disse ele: - Tudo desmancho,
Nem Santo Antônio com gancho
Te livra hoje do laço!

Ela indagou: - Quem és tu?
Respondeu: - Sou o demônio,
Nem me espanto com milagre
Nem com reza a Santo Antônio!
Pretendo entrar no couro!
E nisso ouviu-se um estouro,
Gritou a velha: - Jesus!
Ligeira se ajoelhou
Depois, se persignou
E rezou o Credo em cruz.

Nisto, o diabo fugiu.
E, quando a velha se ergueu,
Ele chegou de mansinho,
Dizendo logo: - Sou eu!
Agora sou teu amigo
Quero andar junto contigo,
Mostrar-te que sou fiel.
Minha carta queres ver?
A velha pediu pra ler
E apossou-se do papel.

- Dê-me isto! Grita o diabo,
Em tom de quem sofre agravo.
Diz a velha: - Não dou mais!
Tu, agora, és meu escravo!
Disse o diabo: - Danada!
Meteu-me numa 'quengada',
Sou agora escravo dela!
E disse com humildade:
- Dê-me a minha liberdade,
Que esticarei a canela!

Disse a velha: - Pé de pato,
Farás o que eu te mandar?
Respondeu: - Pois sim, senhora,
Pode me determinar
Porque estou no seu cabresto
Carregarei água em cesto,
Transformarei terra em massa,
Que para isso tenho estudo;
Afinal, eu farei tudo
Que a senhora disser - faça!

Disse a velha: - Vá na igreja,
Traga a imagem de Jesus.
Respondeu: - Posso traze-la,
Mas ela vem sem a cruz,
Porque desta eu tenho medo!
Disse a velha: - Volte cedo!
Ele seguiu a viagem
E ao sacristão iludiu
Uma estampa lhe pediu
Que só tivesse a imagem.

A velha então conheceu
Do Cão o quengo moderno,
E, receando que um dia
A levasse para o inferno,
Para algum canto o mandou
E em sua ausência traçou
Com giz uma cruz na porta.
Voltou o Cão sem demora,
Viu a cruz, ficou de fora,
Gritando com a cara torta.

Gritou o Cão no terreiro:
- Aqui não posso passar!
Venha me dar minha carta
Quero pro inferno voltar!
Disse a velha que não dava,
Mas ele continuava
A rinchar como uma besta.
- Pois fecha os olhos! Ela diz.
Ele fechou e, com giz,
Fez-lhe outra cruz bem na testa!

Aí entregou-lhe a carta
E o demo pôs-se na estrada,
Dizendo com seus botões:
– Não quero mais caçoadas
Com velha que seja sogra,
Porque ela sempre nos logra!
Foi, assim, a murmurar,
Quando no inferno chegou,
O Maioral lhe gritou:
– Aqui não podes entrar!

– Então, já não me conhece?
Perguntou ao maioral.
– Conheço, porém, aqui
Não entras com este sinal...
Estás com uma cruz na testa!
Disse ele: – Inda mais esta!
O que é que estás dizendo?
Mirou-se dum espelho à luz,
Quando distinguiu a cruz,
Saiu danado, correndo!

E, na carreira em que ia,
Precipitou-se no abismo,
Perdeu o ser diabólico,
Virou-se no caiporismo,
Pela terra se espalhou,
Em todo lugar se achou,
Ao caipora encaiporando,
Embaraçando seus passos
E com traiçoeiros laços
As sogras auxiliando...

Deste fato as testemunhas
Já disse todas quais são.
Agora, quer o senhor
Saber se exato ou não?
Invoque no espiritismo
Ou pergunte ao caiporismo,
Este que sempre nos logra,
Se sua origem não veio
Do diabo imundo e feio
E do quengo de uma sogra!

FIM

Folheto raro de Leandro Gomes de Barros, transcrito por Gustavo Barroso em sua obra **Ao Som da Viola**, de 1923. É a fonte utilizada como base para o seu resgate.

A ALMA DE UMA SOGRA

Leandro Gomes de Barros

Em dias do mês passado
Vi numa reunião
Um trocador de cavalos,
Um velho tabelião,
O criado de um vigário
E a avó de um sacristão.

Veio uma dessas ciganas
Que lê a mão da pessoa,
Leu a mão de um velho e disse:
Vossa mercê anda a toa
De cinco sogras que teve
Não obteve uma boa!

- É muito exato, cigana,
Disse o velho a suspirar,
A melhor de todas cinco
Essa me obrigou chorar,
Depois de morta, três meses
Quase me faz expirar.

Disse o velho, a minha vida,
Dá muito bem uma cena
Dá um romance ou um drama
E a obra não é pequena,
O velho tabelião
Quase que chora com pena.

O velho ali descreveu
Todas as cenas que deram
Alguns daqueles ali,
Foram escutar, não puderam,
Foi um serviço de gancho
Que estas sogras fizeram.

Então a primeira sogra,
Foi uma tal Mariana,
Tinha os dentes arqueados
Como a cobra caninana,
Ele casou-se na quarta
Brigou no fim da semana.

A segunda era uma tipa
Alta, magra e corcovada,
Danada para passeios
Enredeira e exaltada,
Cavilosa e feiticeira
Intrigante e depravada.

Por felicidade dele
Chegou-lhe a fortuna um dia
Deu a munganga na velha,
Chegou-lhe a hidrofobia,
Foi morta à tiros no campo
Graças ao povo que havia.

A terceira se chamava
Genoveva Bota-abaixo
Espumava pela boca
Que a baba caia em cacho
Um dia partiu a ele
Fez-lhe da cabeça um facho.

A quarta era fogo vivo
Chamava-se Ana Martelo
Filha de uma tal Medonha
Bala de bronze, cutelo,
Parecia uma jacaré
Desses do papo amarelo.

Era da cor de jibóia
O rosto muito cascudo
E tinha no céu da boca
Um dente grande e agudo
Essa engoliu pelas ventas
Um genro com roupa e tudo.

Meu amigo, disse o velho,
Eu me casei inocente
Porque antes de casar
A velha era tão prudente
Eu pensei com meus botões,
Tenho uma sogra excelente.

Depois que casei, um dia,
Eu ainda estava deitado,
Vi a velha dar um pulo
E abecar um criado,
Arrancar-lhe o coração
E disse: - Este eu como assado!

Veio à porta do meu quarto,
Disse: - Pedaco de um burro,
Ainda não se levantou?
Que se levantar a murro?
Você, ou cria coragem,
Ou cria cheiro de esturro!...

A derradeira de todas
Não era lá muito ruim,
Me levantava algum falso,
Falava muito de mim,
Eu teria me banhado
Se as outras fossem assim.

Sempre tinha alguns defeitos,
Mas também não era tanto,
Uma vez quis obrigar-me
Passar três dias num canto,
Com um defunto nas costas
Fazendo oração a um santo.

Mas se ela não fosse assim
A velha fazia gosto
Me fazia algum favor
E depois lançava em rosto,
Se brigávamos em janeiro
Ficávamos bem em agosto.

Ela, depois de morrer,
Fez um papel temerário,
Ajuntou-se com a alma
Da avó de um boticário
E me passaram por sonho
Um dos contos de vigário.

Essa avó do boticário
Em vida votou-me tédio
Por ter o neto botica
E eu não comprar remédio
Morreu ela e minha sogra
Quase desgraçam meu prédio.

Disse-me a velha em sonho
Cave lá no pé do muro,
Lá acharás uma jarra
Com moedas de ouro puro,
É teu e de minha filha
Serão ricos no futuro.

Acordei, disse à mulher
Tudo o que tinha sonhado,
Disse ela: – Vá atrás
Desse tesouro enterrado,
Escavaque o pé do muro
Só se lá tiver pecado...

Então tornei a dormir
Elas voltaram de novo
Me disseram: – A jarra lá
Está cheia que só ovo
Mulher só diz é asneira.
Vá escutar esse povo!

Vá cavar no pé do muro
Aonde teve um coqueiro,
Debaixo da raiz dele
Acha uma laje primeiro
E debaixo dessa laje
Tem a jarra de dinheiro.

De manhã me levantei
E fui logo para lá
Cavei, encontrei a laje
Disse contente: - Oh! Vem cá,
Sabe o que achei? Um cortiço
De besouro mangangá.

Ali os besouros todos
Flecharam em cima de mim
Eu nem sei como corri,
Julguei ali ser meu fim
Ouvi a velha gritar:
- Besouros bons, são assim!

Passei um ano e dois meses
Com febre sobre o chão duro,
Tinha febre todo dia
Trancado num quarto escuro
E a alma da condenada
Me esperando no monturo.

A mulher estava dormindo
Por sonho viu ela vir,
E lhe disse minha filha
Tu não podes resistir
Eu trago aqui um escravo
Que vem para te servir.

A mulher lhe perguntou:

- E lá pelo mundo eterno

Existe também escravo?

- Filha, lá tudo é moderno!

- Minha mãe, onde achou este?

Disse a velha: - No inferno!

Minha mulher disse ali:

- Jesus, Maria e José

a velha espantou-se e disse:

- Atrevida! Como é?

Que chama por três pessoas

De quem já perdi a fé?

Disse a velha se mordendo,

Eu parto senão me acabo,

Diabos carreguem meu genro,

Que nem sogra dá-lhe cabo,

Saíram então se mordendo

A velha com o diabo.

Essa tal de Bota-abaixo

No dia que ela morreu,

Eu lhe mostrei uma imagem

Pois a velha ainda se ergueu

Arrebatou-me a imagem

Deu um bote e me mordeu.

Depois de morta três anos
Onde sepultaram ela
Nasceu em cima da cova
Três touceiras de mazela
Um livro de Nova Seita
Achou-se no caixão dela.

A cobra era nova seita
Eu conheci o mistério,
E eu pude entender
Que o ato não era sério
Tanto que eu disse logo:
- Desgraçou-se o cemitério! **FIM**

Leandro Gomes de Barros (Pombal PB 1865 - Recife PE 1918) iniciou sua produção literária, que abrange pelo menos 237 títulos, em 1889, no estado de Pernambuco. Entre 1906 e 1917 foi proprietário de uma pequena gráfica para impressão e distribuição de seus próprios folhetos, em Recife PE. Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro Gomes de Barros, pela viúva do poeta, a João Martins de Ataíde, que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico na estrofe final de muitos folhetos. Escreveu folhetos de cordel de grande aceitação popular, como História da Donzela Teodora, Juvenal e o Dragão, Antônio Silvino, o Rei dos Cangaceiros e O Boi Misterioso. Pioneiro na produção de literatura de cordel no país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luís da Câmara Cascudo "o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores,

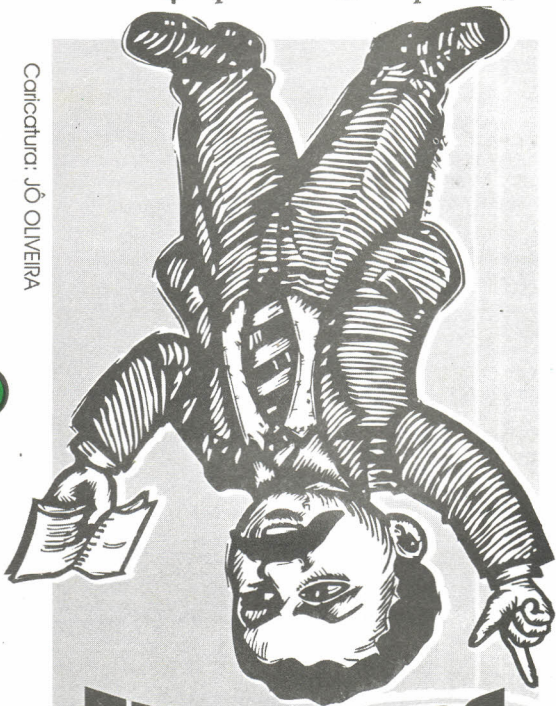
cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas, nas horas do 'rancho', no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores".

LEITURA CRÍTICA - "É ainda o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas, nas horas do 'rancho', no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores. Assim Alonso e Marina, O Boi Misterioso, João da Cruz, Rosa e Lino de Alencar, O Príncipe e a Fada, o satírico Canção de Fogo, espécie de Palavras Cínicas, de Forjaz de Sampaio, a Orfã Abandonada, etc. constituem literatura indispensável para os olhos sertanejos do Nordeste. Não sei verdadeiramente se ele chegou a medir-se com algum cantador. Conheci-o na capital paraibana. Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonhocontador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade."

Cascudo, Luís da Câmara [1984]: Resumo biográfico dos cantadores: Leandro Gomes de Barros. In: _____. Vaqueiros e cantadores. p.318-319.

Leandro Gomes de Barros

Caricatura: JÓ OLIVEIRA



**CLASSICOS
DO GORDEL**

(* Pombal-PB - 1865 / + Recife-PE 1918)



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).